

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1087
 GUIMARÃES, 16 de Novembro de 1952
 Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-B Tel., 4312
 Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4581
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

João R. Loureiro A Exposição das nossas actividades CINZAS RENASCENTES

Ignoro a razão pela qual correu que eu falaria no funeral de João Loureiro; mais do que uma pessoa me perguntou se era essa realmente a minha intenção. E o facto é que as perguntas que me fizeram me sugeriram a ideia de falar no limiar da campa desse grande homem de bem e nisso ia eu pensando e quase decidido a fazê-lo quando o acompanhava no caminho para o cemitério.

Não falei. Receei que as minhas palavras destoassem na organização do funeral ou fosse descortês preferi-las sem prévia consulta de quem o dirigisse.

Não falei, mas escrevo. E escrevo, porque sinto do meu dever e é-me agradável contribuir com a exposição de um episódio da vida social desta terra em que, pelo acaso da situação que ocupava, fui protagonista, para comprovar, de um modo flagrante, como era nobre o carácter de João Loureiro, como era enorme a sua bondade, lúcida a sua inteligência e pura a sua consciência.

Deflagrara uma luta tremenda entre a classe dos empregados de comércio e a dos comerciantes do concelho. Havia uma lei que determinava o descanso semanal ao domingo; mas apenas se cumpria em Lisboa e Porto. Os caixeiros de Guimarães estavam sujeitos ao capricho e conveniências exclusivas dos patrões. Nem nos dias de semana havia horas fixadas para fechar ou abrir os estabelecimentos. Não vou descrever aqui os pormenores da escravatura do empregado do comércio nessa época; eles devem estar ainda na memória de muitos. Era preciso libertar o caixeiro, fazê-lo respeitar como ser humano, com deveres mas também com direitos. Os patrões estavam aferrados aos hábitos antigos e defendiam-se com um argumento fortíssimo: o de que era ao domingo que melhor negócio se fazia e de que o comprador rural passaria a sortir-se nos concelhos vizinhos, onde a lei não se cumpria, se só em Guimarães ela fosse respeitada. A luta foi renhida e violentíssima. Eu era o presidente da Associação dos Empregados do Comércio; João Loureiro era presidente da Associação Comercial e meu patrão. A mim competia-me sustentar e dirigir o combate; a J. Loureiro incumbia a defesa dos comerciantes; e estes caíram em peso sobre ele para o obrigar a impor-se-me, dando-me a escolher entre a perda do meu lugar e consequente banimento de Guimarães ou a desistência do empreendimento; e era isso numa altura em que, sendo eu rapaz que me estreava na vida, ainda se poderia supor que fosse de qualidade de vergar perante uma violência ou o interesse próprio. Foi enorme, insistente e prolongada a pressão exercida sobre J. Loureiro pelos seus colegas e mais íntimos amigos; foram implacáveis no ataque que lhe fizeram em que nem a sua dignidade e brio pessoais foram poupados. Pois Loureiro a tudo resistiu; e nem uma palavra lhe ouvi, nem um gesto lhe percebi, no nosso contacto diário de todas as horas, que se pudesse relacionar com a luta sem quartel que entre nós se travava, nada, nem sequer qualquer recusa de dispensa de serviço que me fosse necessário solicitar-lhe, para melhor o combater na minha missão de defender a classe à qual ele, por certo, também não se esquecia de ter pertencido.

Isto é nobre, isto glorifica um homem. Ainda hoje será difícil encontrar tão grandioso exemplo de consciência e respeito dos deveres de cada um, de compreensão inteligente e ímpolita de direitos, e de justiça às intenções a que obedecem os actos que, porventura, directamente nos firam.

Mesmo depois de vencida a batalha, e porque tinha sido vencida, a pressão continuou sobre J. Loureiro, num teimoso propósito de vingança, exigindo dele o despedimento do empregado que ousara erguer-se no alto de uma barricada sem ter em atenção que a bandeira do lado oposto era empunhada pelo seu patrão.

Baldados esforços; eles iam quebrar-se contra a rigidez de um carácter generoso e nobre que só era susceptível de ceder à bondade inexcedível do seu coração.

Pelo contrário, anos depois, J. Loureiro, por simples amizade, insistia comigo, veemente, comovido, exaltado, para que abandonasse a vida pública a fim de me dedicar com mais assiduidade ao serviço da sua casa comercial. Prometia-me, garantia-me uma fortuna certa, todas as facilidades, tudo que eu lhe quisesse pedir; e quando eu, recusando com inabalável firmeza a sua sugestão, lhe pedi apenas que me facultasse as necessárias dispensas de serviço para me poder formar em Direito e seguir, logo que concluísse a formatura, um outro destino, senti, perfeitamente, que os olhos se lhe humedeciam ao reconhecer que a sua generosidade era impotente perante a dureza da minha vontade.

Eu devia este testemunho vivo da grandeza de alma do homem generoso e bom que foi Rodrigues Loureiro, à sua memória. As minhas palavras, junto da campa onde repousa, valeriam menos do que estas escritas, que vão ficar aqui, nas colunas deste jornal onde sempre sou acolhido com extremos de penhorante favor.

Tive de fazer referências a mim próprio; custa-me; mas tinha que as fazer para melhor exaltar a nobreza do homem a quem o mínimo que devo é esta homenagem.

M. FELGUEIRAS.

A Exposição das nossas actividades no próximo ano

SERÁ UM FACTO

Voltaram a reunir-se na última semana algumas entidades a quem foi confiada, até agora, a tarefa de estudar as possibilidades da realização, há um ano já anunciada, duma Exposição Concelhia das nossas Actividades, certame esse que será levado a cabo, com a valiosa e indispensável col-



António José Pereira Rodrigues

aboração da Indústria, por ocasião da celebração do 1.º Centenário da Cidade.

Pensa a Câmara, cremos, constituir uma Comissão Executiva para a celebração do acontecimento e dela fará parte o sr. António José Pereira Rodrigues que, como seu delegado, presidirá à Comissão Instaladora da Exposição que se pretende implantar nos terrenos anexos ao Paço dos Duques de Bragança e

Castelo de Guimarães, ficando esses monumentos nacionais integrados no recinto referido.

Na reunião a que nos estamos referindo e a que assistiram alguns senhores industriais e outras individualidades, trocaram-se largamente impressões sobre o assunto e estudaram-se possibilidades de levar por diante aquela iniciativa, tendo sido apreciados com clareza e ardor os vários aspectos do empreendimento.

A. L. de Carvalho, António de Sousa Lima, António Emilio Ribeiro, Eng.º Helder Rocha, Joaquim de Sousa Oliveira e António José Pereira Rodrigues, que com muito sacrifício e só devido a ser muito instado acedeu a presidir à Comissão, dissertaram sobre o assunto, tendo presidido àquela reunião o sr. Eng.º Alberto Costa, que representava o sr. Presidente do Município.

A Comissão vai ser organizada, devendo ficar em breve constituída.

Dela vão fazer parte elementos das várias indústrias do concelho.

Espera-se, entretanto, que no início desta semana aqui venha uma brigada de técnicos que foi solicitada para tal fim, para que o assunto possa ser estudado em vários detalhes.

Só depois e em face de tais esclarecimentos, se poderá dar início aos trabalhos.

Assistência aos TUBERCULOSOS

Vai precisamente há um ano que a Comissão Municipal de Assistência manifestou em nota publicada na imprensa local o vivo desejo de minorar a triste situação dos infelizes tuberculosos, cuja vida se vem desfazendo pelas ruas e caminhos de Guimarães. Desde então não faltaram aplausos, e dos mais valiosos, sinal seguro de que o problema é de candente interesse para todos. Eu quereria até mencionar alguns; e sem ferir susceptibilidades, que não desejo, não resisto ao impulso do coração, que manda frizar dois — o do sr. Fernando Jordão, que honrosamente, vem ostentando a bellissima herança da caridade recebida de seu saudosíssimo pai, e que foi dos que animou a Comissão Municipal de Assistência, e do sr. Manuel Alves Machado, que com palavras do maior encorajamento entregou já 2.000\$00 esc. como contributo generoso.

E de facto a Obra, por ser de imperiosa necessidade, a todos interessa — ricos e pobres. Aos ricos, porque atenuam o contágio, debelam o mal e podem contar com uma

assistência de que ninguém está seguro de vir a precisar; aos pobres, porque não têm meios de suportar a fúria destruidora de tão terrível flagelo.

A Câmara de Guimarães, honra lhe seja, já dispendeu nestes dois anos muito além de uma centena de milhar de escudos em estreptomocina para tuberculosos pobres. Mas que é isso, se eles, os infelizes, vão para tugúrios sem ar nem pão, antes a contagiar os próprios filhinhos? Como consentir que sejam internados nas enfermarias do nosso Hospital a propagar o mal a outros doentes, inclusivamente as crianças que lá se encontram? E não se julgue que podem ser atendidos todos os que têm recorrido à Comissão Municipal de Assistência. Ah! se fôra possível traduzir para o papel as lágrimas vistas a deslizar na face de tantos infelizes!...

Na nota a que acima se alude apresentou-se o plano a executar — a construção de um Pavilhão para internamento de tuberculosos pobres, de cuja lembrança se não ufana a Comissão M. de Assistência,

Outono. O sol tingia de cores rubras o horizonte.

Nostálgico poente. Foi numa tarde, num fim de tarde sereno e lindo, que o levamos a enterrar.

E porque na acrópole dos mortos só os mortos espiritualmente vivem, eu pensei no drama daquele que levámos ao cemitério da Atouguia.

João Rodrigues Loureiro que passou mais de uma década tolhido na sua cadeira de paralítico; que se viu encarcelado na sua noite de invisual; que de há muito mergulhara a razão num lusco-fusco de subconsciência, em rigor desde há muito se havia finado.

Neste acicate de recordações, meu espírito amarelado sentiu um velário de tristeza.

E o poente dessa tarde — contrastes singulares! — era sereno e lindo.

— Por que tanto sofreu João Rodrigues Loureiro, ele que foi um homem bom?...

Olhando a sua passagem transitória nesta vida, só dele conheço actos meritorios.

Nenhum rasto de iniquidade, de maldade o acompanhou à cova.

Para melhor dizer, só dele se conhecem desintegrações do seu coração e da sua alma — a bem dos outros.

A porção viceral de egoísmo que a todos acompanha, nele se humanizou. Tornou-se solidariedade. Pelos seus amigos, por todos que bem estimou, fez quanto pôde.

O prestígio do seu nome, a

e dizia-se que se aguardava a oportunidade para o pôr em prática. Esse momento chegou. A Comissão M. de Assistência resolveu que o próximo dia 29 seja designado o Dia do Tuberculoso, para a recolha dos donativos, do nativos que virão de todos os Vimaraneses. Assim o espera a Comissão M. de Assistência, que pessoalmente baterá à porta de muitos, e para as dos restantes será coadjuvada, assim o julgo, por ilustres senhoras de Guimarães, que não negarão o seu concurso para esta Obra de justiça e de caridade.

Termino este singelo escrito com as mesma palavras com que fechava a nota referida. Em todos confia a Comissão M. de Assistência, pois que se trata de um dever que a todos se impõe. Será utopia? Não; é antes a certeza absoluta de que Guimarães continuará a mostrar às demais terras a fidalguia dos seus nobilíssimos sentimentos. E a todos desde já, em nome dos pobres tuberculosos, a Comissão M. de Assistência manifesta o seu profundo reconhecimento.

Pela Comissão Municipal de Assistência
 Padre Avelino Pinketto Borda.

Interesses de Guimarães

A tratar de assuntos de interesse para Guimarães, têm estado em Lisboa os srs. dr. Augusto Ferreira da Cunha e Eng.º Alberto Costa, respectivamente Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal.

segurança do seu crédito, a irradiante confiança que de si dimanava, tudo soube converter em benefício de muitos.

Destacadamente, pela lhanesa do trato, pela atracção de simpatia, João Rodrigues Loureiro tornou-se, no domínio das relações sociais, um protótipo da sua classe.

Quantos, oh, quantos ele ajudou a subir, levados pela sua mão protectora!

O seu capital, tantas vezes animado por impulsos de fraternidade estima, serviu firmas novas, em actividades de fomento e economia.

E' que a sua fortuna não se fechava ambiciosamente consigo.

Os estreitos utilitarismos, que tanto enferrujam o carácter, não eram o seu fulcro.

Via mais largo — talvez com o pensamento em si mesmo. Preso à humildade da sua origem, para aqui viera de um meio aldeão, aos 11 anos.

Desta fixação local brotou, fecundante de seiva, o seu amor a Guimarães.

Desfibrado este amor, nele se repercutiu um sentimento de gratidão.

Com efeito, João Rodrigues Loureiro escalou do chão raso a boa altura. Guimarães, a nossa terra, o fez.

Rico de reservas morais, sua fortuna, por isso mesmo, não afrontava, antes servia.

Não direi que João Rodrigues Loureiro, na escala dos valores sociais, alcançasse a proeminência.

Tampouco se dirá que ele tivesse sido entre nós — um guia, um orientador.

O que não resta dúvida é que foi um cidadão compreensivo, digno, e benemerente.

Neste meio onde o comércio e a indústria marcam relevo, ele exerceu nesse campo de acção um papel de destacante prestígio.

Pode afirmar-se, com verdade: Ninguém, na sua classe e no seu tempo, o excedeu.

Representativamente, João Rodrigues Loureiro — sem desprimor para os vivos — não deixou sucessor.

Ainda agora que, à maneira de Diógenes, se procura um homem forte para a tarefa da Exposição Industrial de 1953, ainda agora o nome do inolvidável morto é lembrado — como um exemplo.

Foi em 1923, por ocasião da Exposição Industrial do Concelho, que esse homem atractivo e generoso, alcançou o triunfo desse certame.

Sem ele, sem sua bolsa aberta e o seu ânimo impulsionador, essa notável prova da virilidade vimaranense não se teria observado.

Lanço meu pensamento em retrospecto para além de quase meio século de vida percorrida.

Que vejo?

Eu, moço ardoroso, nas faixas da oratória, a exaltar, na antiga Associação dos Caixeiros, o vulto boníssimo de João Rodrigues Loureiro.

Pois bem. Tantos anos percorridos, aqui estou de novo, na plena posse de uma consciência e de uma vontade, a proclamar — que não me enganei na encomiástica exaltação a esse homem.

A pianha dourada que ajudel a erguer ao caixeiro da firma

A pouca distância

Enquanto notamos que a marcha vertiginosa do calendário do ano se aproxima cada vez mais do seu fim e que, portanto, o Centenário da Cidade cada vez está mais próximo, igualmente notamos que os paliativos e as discussões estão a prejudicar a grandiosidade que deverão ter as comemorações do referido Centenário.

Em nossa opinião, não há tempo a perder e, como nos encontramos convencidos disso, fazemos fervorosos votos para que quem de direito encaminhe as coisas no sentido de se ganhar tempo em vez de o perder e ainda no de se pensar na elaboração de um programa através de cuja execução fique bem gravada, quer para os presentes, quer para os vindouros, essa data em que Guimarães passou a ser detentora do foral de cidade.

Nenhum vimezanense—desde o mais humilde ao mais poderoso—se deverá manter indiferente perante um facto que tem em vista recordar com anos passados, isto é, cem anos vividos após a elevação da antiga Vila de Guimarães à categoria de cidade, como testemunho, sem dúvida, ao seu Património moral, espiritual e tradicional.

Queremos afirmar, com isto, que Guimarães não recebeu um favor com essa subida na escala hierárquica da categoria das diferentes terras de Portugal, mas que, pelo contrário, apenas foi acarinhada com a justiça à qual tinha direito incontestável, como, aliás, se verifica mediante o histórico documento referente a esse acontecimento.

Ora, sendo assim, as Comemorações Centenárias em referência não deverão ofuscar esse Título de Glória com que foi distinguida esta vetusta terra e, por isso, todas as discussões estereis e todas as demoras somente poderão reverter em prejuízo da própria dignidade dos Vimezanenses, assim como do seu público e velho bairro.

Sabemos que se torna necessária a troca de impressões, mas sabemos também que a essa necessidade se deverá juntar a de não se ir deixando para o dia seguinte o que se puder fazer na véspera.

Bento dos Santos Costa, há quase meio século, é a mesma de hoje—mormente agora que João Rodrigues Loureiro não pode mandar-me o seu cartão de agradecido.

Esta homenagem singela, é fruto do meu coração.

Nunca pedi ao valimento do cidadão prestante, favor pessoal.

A sua mão leal, é certo, foi-me sempre estendida. Eu a aceitei e conservei presa à minha. Cordealmente, com desinteresse, as nossas duas mãos se encontraram.

Cai a folha lentamente.

Das cinzas do Outono refulgiram primaveras.

Façamos numa vida bem vivida, por seguir-lhe o bom exemplo.

João Rodrigues Loureiro—cumprido!

Faça cada um, na capacidade do seu valor activo, moral e mental, quanto possa por dar aos outros, um pouco de nós próprios.

Assim banhado por estas ideias reconfortantes, serenas, optimistas, eu regresssei à aldeia—à minha cela.

Porquanto:
A Vida continua!

Quinta das Aves
Delães

A. L. DE CARVALHO.

Como diz o povo—e nisso não falta à verdade—o tempo voa e aplicando-se esse conceito ao caso presente, nós vemos voar o que resta de 1952 e nessa ordem de ideias entraremos a voar em 1953, o mesmo que dizer que as *asas do tempo* são, muitas vezes, ingratas, porque não nos avisam dos fracassos que poderemos encontrar diante de nós se não formos impulsionados pela força da iniciativa, do dinamismo, da precaução, etc..

Oxalá, pois, que essa força se transforme em alavanca poderosa das Comemorações do Centenário da Cidade.

V. C. A.

Rotary Clube de Guimarães

Na sua reunião de quarta-feira última, *Rotary Clube de Guimarães* apreciou, com viva satisfação, os diplomas dimanados do Ministério da Educação Nacional sobre o analfabetismo, tendo resolvido aplaudir a patriótica campanha que o Governo da Nação vai promover nesse sentido.

Depois de serem feitas considerações pelos srs. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior, Leandro Martins Ribeiro e José Abílio Gouveia, foi deliberado: endereçar um telegrama ao Ministro da E. N. manifestando o mais vivo aplauso pela publicação daqueles diplomas e oferecendo o melhor apoio a todas as medidas tomadas para extinção do analfabetismo; solicitar ao Governador do Distrito Rotário que por intermédio das suas cartas mensais incite os clubes a prestar o seu concurso à campanha a iniciar; promover a distribuição de material escolar às crianças pobres, por intermédio das Caixas Escolares.

Naquela reunião, que decorreu animada e a que presidiu o sr. António Sousa Lima, apresentaram ainda «actualidades» os srs. José Aristião Campos, José Machado Teixeira e Antonino Dias de Castro.

Foram tratados outros assuntos de interesse para o Clube e marcada a próxima reunião para o dia 19.

DR. AUGUSTO REGO

Este nosso prezado amigo, que desempenhou, com elevado apuro, as funções de Sub-Delegado do I. N. de T. desde 1943 a 1947 e Agente do M. P. do Tribunal de Trabalho em Braga desde 1947 até ao passado mês de Outubro e que foi Presidente da Direcção da Caixa do Abono de Família do distrito de Aveiro, desempenhando ainda idênticas funções no distrito de Braga, abriu banca de advogado naquela cidade, pelo que somos a desejar-lhe as maiores prosperidades.

Jornalista Paulo Freire

Completamente restabelecido da grave doença que sofreu ultimamente, recomeçou a sua colaboração no nosso colega «Jornal de Notícias», do Porto, com a sua muito apreciada secção *Várias Notas*, o conhecido jornalista e nosso querido amigo Paulo Freire.

Rejubilamos com o facto e abraçamos o ilustre camarada.

GRÊMIO DA LAVOURA DE GUIMARÃES

Informam-nos que seguem por todo o corrente mês para o Tribunal do Trabalho, em Braga, para cobrança coerciva, as cotas não pagas a este Organismo, conforme Decreto n.º 29.494 de 22 de Março de 1952.

DAQUI NÃO SAIO...

Cá na minha opinião

O assunto da Exposição Industrial a realizar-se por ocasião das Festas Centenárias da Cidade foi proficientemente abordado neste jornal por dois dos seus mais ilustres colaboradores.

A. L. de Carvalho, sempre moço entusiasta em tudo que diga respeito ao bem da nossa Terra, quis-nos demonstrar que a Exposição Industrial está acima de tudo que possa vir a fazer-se para a comemoração do Centenário. E, nesta convicção, apela para o brio dos industriais, tentando convencê-los da necessidade da Exposição, não só por interesse próprio da mesma indústria, mas também como meio de atrair o olhar benévolo do Poder Central para as necessidades do nosso burgo.

E' isto, em resumo, o pensamento daquele vimezanense. O colaborador M., menos entusiasta, sobre este ponto, porém, mais positivo e concreto, põe o assunto nos seus devidos termos.

Em verdade, devemos concordar que, se à indústria local a não move o interesse, na mira de vantagens económicas que da Exposição lhe possa advir, outro caminho e outra atitude se deverá tomar, para se conseguir a colaboração franca e desinteressada da indústria, nas Festas Centenárias.

A indústria vimezanense tem, hoje, à sua frente, alguns homens com inteligência e cultura suficientes; para saberem o que mais convém fazer, quanto aos interesses da mesma e, por isso, se realmente desses interesses se tratasse, eles se congregariam espontaneamente e realizariam a Exposição, sem muletas de qualquer espécie. Portanto, não nos devemos dirigir aos senhores industriais, como quem é mais papista do que o Papa, ou como quem quer ensinar o Padre Nosso ao vigário.

Temos necessidade de organizar números que dêem brilho às Festas? E' certo.

A Exposição Industrial será, sem dúvida, um número importante de exibição espectacular e de atracção para muitos forasteiros.

Neste caso, peça-se aos senhores industriais o seu concurso, na organização deste número, mas só para o fim de ilustrar as Festas e, então, talvez fosse conveniente substituir a designação de Exposição Industrial pela de Feira das Indústrias Vimezanenses.

A Exposição exige responsabilidades ao expositor, porque, ou este expõe aquilo que, no momento actual, representa realmente o progresso máximo da indústria e a Exposição é a verdade, ou não o faz e a Exposição não será mais que um simulacro e, portanto, de efeitos contraproducentes.

A Feira das Indústrias Vimezanenses seria, pois, uma modalidade mais interessante, porque a esta levaria cada um aquilo que lhe conviesse, sem qualquer responsabilidade de competência industrial.

Mas, dir-se-á: Qual a razão, ou antes, o que é que impede que os senhores industriais não possam expor o que de mais perfeito e mais moderno estejam a fabricar? A esta pergunta só poderá responder a consciência dos mesmos industriais. Eu, de por mim, não querendo ser desmancha prazeres, mas enfileirando sempre ao lado daqueles que adoptam um sentido prático, digo e creio que podia afirmar que muitos industriais e talvez os mais competentes, por instinto de defesa, não levariam

à Exposição aquilo que podia considerar-se a última palavra, em matéria industrial. E, por tal motivo, ao serem premiados os melhores expositores, nem sempre este galardão representa a expressão da verdade.

Agora, quanto a considerarmos a Exposição como meio de despertar a atenção do Governo, parece-me que isso não poderá surtir grande efeito. O concelho de Guimarães, pela sua população, pela sua indústria e pela sua história, não é, positivamente, uma terra desconhecida das altas esferas.

O mal de não termos recebido benefícios não está, portanto, na falta de conhecimento do valor da nossa Terra; o mal está noutra parte. Além disso, há muitas terras no País que têm recebido grandes benefícios e, no entanto, não precisaram de fazer exibição do seu valor.

Isto, é cá a minha opinião. E' pessimista? Será. Mas que ela desperte uma reacção de muito optimismo, de muita alegria, iniciativa e acção, que são virtudes que têm andado arredadas de nós.

JOAQUIM DO VALE.

SERÃO DE SAUDADE

Continua a despertar o mais vivo interesse esta interessante festa de confraternização e de homenagem a A. L. de Carvalho, o consagrado autor do *Auto das Flores*, que no dia 30 vai realizar-se e para a qual continuam a ser recebidas numerosas adesões de antigos alunos e alunas das nossas Escolas Centrais.

Até das nossas colónias têm sido recebidas—algumas por nosso intermédio—cartas de aplauso a tão simpática iniciativa que vai, estamos certos, resultar numa festa enternecedora e memorável.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

| | |
|--|-----------|
| Transporte. . . | 2.834\$50 |
| Recebemos mais do sr. dr. António Paul, sufragando a alma de sua saudosa mãe . . | 50\$00 |
| A Transportar . . | 2.884\$50 |

Contemplámos com aquela importância 4 velhinhas muito necessitadas e um pobre aleijado.

Também recebemos daquele nosso amigo, com a mesma intenção e para a V. O. T. de S. Francisco, a quantia de 100\$00, que entregámos.

FESTIVIDADE DA SANTA CECÍLIA

Promovida pelo Corpo Coral desta cidade, que tem como sua padroeira «Santa Cecília», vai realizar-se no próximo dia 23 do corrente, pelas 11 horas, na Igreja de S. Francisco, onde se venera a Santa que advoga a «Música» e os músicos, uma Missa Solene, sendo pregador da festividade o Rev. dr. José de Jesus Ribeiro, assistente eclesiástico do Corpo Coral.

Para esta festa vão ser dirigidos convites às autoridades locais, Instituições de caridade, Colégios, Asilos, etc..

O Grupo Artístico da F. N. A. T. de Portalegre

Este grupo artístico visitou Guimarães na pretérita segunda-feira, tendo levado a efeito um interessante espectáculo no Teatro Jordão, que registou numerosa afluência de público.

Os números exibidos, constituindo um programa bem elaborado, satisfizeram, pelo que foram calorosos os aplausos dispensados aos componentes do grupo visitante.

Quarto Aluga-se. Tem duas camas, muito central. Nesta Redacção se informa. 411

Anuncial no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

CRÓNICAS RURAIS

O PARQUE DE VIZELA

A crónica de hoje não é propriamente rural. Mas como se trata de um Parque, a cuja quietude fui buscar um pouco de paz para o espírito cansado pelos exames que felizmente findaram, creio não estar deslocada chamando-lhe assim.

Fui há dias visitar o Parque de Vizela, que sempre ouvi gabar. Fui... e não gostei. Talvez para isso concorresse o mau tempo. O vento forte que soprava, numa sinfonia outonal, arrastava as folhas das árvores, fazendo-as depois tombar pelo chão, atulhando os passeios, dando ao conjunto um aspecto triste de abandono. A falta de relva nos canteiros vinha reforçar esse aspecto, e, o céu pardo-cinza, tornava tudo mais sombrio ainda. As próprias árvores não pareciam tristes. lam ficando despidas com o caminhar do Outono, e, as sempre verdes, constituíam uma nota dissonante naquela sinfonia. Em algumas, umas tabuletas a indicar a família e a espécie a que pertenciam (uns palavrões esquisitos em La-

tim, ou não fosse a Botânica a «Ciência de insultar as plantas em Latim», como dizia não sei quem). E, se reparei nas árvores levado pela amizade que sempre lhes dediquei, desde os tempos em que, menino de bibe e calção, ia no *Dia da Arvore* plantar uma, reparei nas etiquetas, porque a isso se liga a profissão que escolhi.

Achei boa a ideia. Há pessoas que por curiosidade lêem esses nomes, os decoram, e isso só tem vantagens. Mas, com o que não concordo, é que tais etiquetas tenham erros ou imprecisões, porque, quanto a mim, ignorar é melhor do que saber coisas erradas.

Primeiro que tudo, acho que as etiquetas deveriam obedecer a um modelo único, independente do critério do classificador. Para mim, a norma seria:

Nome científico, nomes vulgares em português, francês e inglês, família e país de origem. Aliás, essa é a norma quase sempre seguida, e que em Vizela o foi algumas vezes.

Os nomes em português nem sempre existem, e acho isso muito mal feito. Se há pessoas que não decoram os qualificativos específicos *Fagus sylvatica L.* ou *Pinus Pinaster Sol. ex Ait.* por exemplo, ficarão pelo menos a conhecer a faia e o pinheiro bravo, se tais nomes existirem nas etiquetas. Porque não há, nas respectivas etiquetas, os nomes vulgares em português do *Acer Negundo L.* (pau ferro), da *Araucaria angustifolia (Bertol.) O. Ktze.* (araucária do Brasil), do *Taxodium distichum (L.) L. C. Rich.* (cipreste de folha caduca), do *Eucalyptus Globulus Labill.* (eucalipto comum), do *Cedrus Deodara Loud.* (cedro do Himalaia), e alguns mais? E se isso nem sempre é possível, é-o na maioria dos casos, e, em alguns, indispensável, para evitar confusões, como no último caso citado. No *Cedrus Deodara Loud.* não se colocou nome em português, mas no *Cupressus lusitanica Miller*, foram colocar-lhe o de cedro do Bussaco, que, além de incorrecto, induz a confusão com os *Cedrus*, que nem se

Conclui na 4.ª página.

O Teatro Jordão e o Asilo de Santa Estefânia

No dia 20 do corrente passa o 14.º aniversário da inauguração do Teatro Jordão. O acontecimento vai ser comemorado com uma brilhante sessão cinematográfica, cuja receita reverte a favor do Asilo de Santa Estefânia, por resolução da respectiva Empresa, que assim quis, mais uma vez, manifestar a sua grande simpatia por aquela benemérita instituição, tão digna, na verdade, do auxílio de todos os vimezanenses.

São já muitos os gestos de filantropia praticados pela Empresa do Teatro Jordão a favor do referido Asilo, motivo por que pode e deve ser considerada como sua grande benemérita.

Na referida sessão vai ser exibida a sumptuosa película intitulada—«Messalina», passada na Roma antiga.

A Direcção do Asilo de Santa Estefânia conta com a presença dos vimezanenses a este espectáculo, mas previne que não pode assumir, desta vez, qualquer compromisso com a reserva de lugares.

CHEGOU O INVERNO!

Grande sortido de lindos casacos impermeáveis para senhora a 200\$00. Casacos de borracha para homem e criança. Zambrenas, Trincadeiras e Gabardines, calças, casacos e sobretudos, Galochas e botas altas de borracha, Guarda-chuvas em seda e algodão, baratíssimos. Só na Camisaria Martins ou na Casa Jaime, ao Toural.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora

Quando em Novembro, do ano findo, o nosso simpático «Notícias» iniciou esta secção e me confiou a honra, aliás imerecida, de lhe dar continuidade, não me ocorreu, então, a possibilidade de a sustentar durante o período de tempo já decorrido, isto é, nada mais nada menos de doze meses! Porém, a sucessão de vários assuntos e o interesse da maior parte dos mesmos têm sido a causa principal da minha presença, embora, por vezes, me tenha sentido com certas dificuldades para evitar confusas interpretações acerca dos assuntos aqui ventilados com insuspeita clareza e sempre orientados no sentido de produzirem alguma coisa de útil.

Mas—e o terrível «mas» aparece em toda a parte—eu não tenho o privilégio de transformar o joio em trigo e, em face disso, apenas apelo para a paz da minha consciência, visto que o resto não consegue perturbar o meu espírito nem macular a minha alma.

No entanto, a falta de justiça, seja perante quem for, nunca poderá agradar a quem se tornar vítima dela, sendo, certo que acima—mas muito acima—da sentença humana se encontra a sentença Divina, o mesmo que se dizer que a justiça de Deus não é susceptível de falhar.

Por isso, minha Senhora, continuei, por mais algum tempo, a dar vida e alento a esta secção, a mesma vida e o mesmo alento que desejo para as futuras emergências da minha vida, nem sempre aquecida pelo sol da felicidade.

E, a propósito de felicidade, permita-me V. Ex.ª que eu lhe diga, em poucas palavras, o que penso a tal respeito: Há pessoas que consideram a felicidade um simples pormento da vida e que, por esse motivo, não lhe atribuem o seu verdadeiro significado, tão restrito e tão delicado para quem a considerar o elo de ligação entre as aspirações de cada um, neste mundo, e o descanso eterno no outro.

Eu sei que certas pessoas se julgam felizes a seu modo, isto é, porque, por exemplo, podem substituir a sua consciência e a sua dignidade por notas do Banco de Portugal, com as quais encontram abertos todos os caminhos dos seus desejos.

Pura ilusão, minha Senhora, para as pessoas que pensam dessa maneira. Quantos pobres, sem *eira* nem *beira*, são mais felizes? A felicidade, como V. Ex.ª sabe, depende de vários factores, presentes e futuros, mas nunca dependerá das notas de que lhe falo.

Mais felizes serão aqueles que podem confortar o seu espírito com notas musicais, extraídas de uma Arte que alia o belo ao agradável, embora em Guimarães essa modalidade de cultura não ocupe o seu devido lugar, se recordarmos a triste realidade da morte do *Círculo de Cultura Musical*...

Infelizmente, a pouca sorte continua.

E por aqui me fingo, minha Senhora.

De V. Ex.ª
Cd.º Ven.º e Obg.º

Novembro de 1952.

X.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 16, a sr.^a D. Maria Tezera Correia Gomes; no dia 17, os nossos prezados amigos srs. Francisco Ribeiro Jordão, Engenheiro Adelino Soares Leite, de S. Nicolau, Fernando Augusto Pinheiro de Magalhães, ausente em Timor, e Manuel Matos Marinho; no dia 18, mademoiselle Maria Elvira Gonçalves, filha do nosso bom amigo sr. Abílio Gonçalves, e a sr.^a D. Maria da Conceição Paço Vitorino e os nossos prezados amigos srs. Serafim José Pereira Rodrigues e José Rodrigues da Costa; no dia 19, o nosso prezado amigo sr. Adriano de Castro, do Pevidém e sua esposa a sr.^a D. Maria Rosa de Castro, e os também nossos amigos srs. Manuel António Branco, António Cardoso de Castro, do Pevidém, e António Moreira Sampaio; no dia 20, os nossos bons amigos srs. António José Marques da Silva Castro e dr. Jorge da Costa Antunes; no dia 21, os nossos prezados amigos srs. Francisco Alvaro Martins de Campos Guise e Manuel Pereira Maia e a menina Cândida Ribeiro Machado, de Riba d'Ave; no dia 22, a menina Maria Fernanda Maciel da Silva, filha da sr.^a D. Augusta Maciel de Sousa e do sr. António Pereira da Silva, e a sr.^a D. Modesta de Araújo, esposa do nosso prezado amigo sr. Augusto de Araújo, e os nossos bons amigos srs. dr. Porfírio Henrique Almeida Carneiro, residente na Figueira da Foz, Luís Mendes Lopes Cardoso e Eduardo Lage Jordão; no dia 23, o nosso prezado amigo sr. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto, illustre Presidente do Grémio da Lavoura, e as sr.^{as} D. Ludovina Ferreira Peixoto e dr.^a D. Maria Antónia Cardoso de Barros de Magalhães da Rocha Reis de Abreu Coutinho (Paço Vitorino).

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Comendador Alberto Pimenta Machado — No próximo dia 21, 6.^a feira, passa o aniversário natalício deste nosso prezado amigo e prestante cidadão, a quem muito devem em generosidade e em benefícios sem conta, as várias instituições de beneficência de Guimarães, dum modo especialíssimo as Oficinas de S. José, a cuja Comissão Administrativa presidiu, a Casa dos Pobres, a Santa Casa da Misericórdia e a Ordem de S. Francisco, que ostentam o seu retrato na galeria dos benfeitores.

Industrial de nome feito e dos mais conceituados, o sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, a quem abraçamos com os votos de muitas prosperidades, conta no meio vimezanense as maiores simpatias.

Partidas e chegadas

Esteve nesta cidade, tendo regressado a Vila Verde, a sr.^a D. Lucinda dos Anjos Pimenta, que nos deu o prazer da sua visita, o que agradecemos.

— Cumprimos nesta cidade o nosso querido colaborador e amigo sr. A. L. de Carvalho. — Com sua esposa e filhinhas esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Pedro Nunes de Freitas, residente em Vila do Conde.

— Regressou das suas propriedades o nosso prezado amigo sr. Belmiro Mendes de Oliveira.

— Têm estado em Lisboa os nossos prezados amigos srs. António Alberto Pimenta Machado, José Maria Machado Vaz, João Dias Pinto de Castro e Albano M. Coelho Lima.

— Com sua esposa regressou de Madrid o nosso prezado amigo sr. Domingos Mendes Fernandes.

— De Viana do Castelo partiu para Coimbra a sr.^a D. Maria Fernanda Rodrigues Lago Pinto Cardoso.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.^a D. Maria Helena Gonçalves Martins Guimarães, esposa do nosso prezado amigo sr. Francisco Alberto da Cunha Guimarães.

Mãe e filha estão bem. Parabéns. — Deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.^a D. Francisca da Silva Fernandes Costa, esposa do nosso bom amigo sr. Camilo Nogueira da Costa, de Urgez.

Mãe e filho estão bem. Parabéns. — Também deu à luz uma criança do sexo feminino a esposa do nosso bom amigo sr. Alberto Adelino Sampaio.

Mãe e filha estão bem. Parabéns.

Casamentos

Realizou-se no passado dia 10, na igreja paroquial da freguesia de Guardizela, o casamento da sr.^a D. Raquel Sanches Dias Pereira, professora na freguesia, filha do sr. Alcindo Dias Pereira e de sua esposa a sr.^a D. Maria de Lourdes da Cunha Sanches, antiga professora, com o sr. Geraldo de Abreu Mendes de Oliveira, engenheiro electrotécnico, filho do sr. Joaquim de Oliveira e de sua esposa a sr.^a D. Angelina de Abreu, já falecida. Foi celebrante o Rev. Abade P.^o José Rodrigues Fernandes, que iniciou a cerimónia com uma alocução sobre o significado do matrimónio, sua indissolubilidade, e exultando os noivos, a quem desejou as maiores venturas, à prática das virtudes cristãs.

Paraninfaram o acto o sr. dr.

Paulo de Sousa, professor do Liceu de Braga, e sua esposa a sr.^a D. Teresa de Sousa.

A saída, os noivos tiveram uma lindíssima recepção, passando por cima das capas dos estudantes presentes e por entre alas compactas das crianças das escolas, recepção preparada pela sr.^a D. Ana Machado Gomes e pelas colegas da noiva e que se transformou numa autêntica batalha de flores.

O almoço, na casa dos pais da noiva, em Vilaverde, que reuniu as duas famílias e amigos íntimos, decorreu na maior animação.

A ele assistiu igualmente o Rev. Abade celebrante, que há 28 anos tinha já sido o celebrante do casamento dos pais da noiva.

Aos brindes falaram o padrinho e os irmãos da noiva srs. Eng.^o José Clemente e Alvaro Clemente Dias Pereira.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Sul, aos quais desejamos as maiores felicidades.

— Na Igreja paroquial de Nespereira consorciaram-se, no passado dia 10, a menina Maria José Ferreira Portocarrero, filha da sr.^a D. Maria Ferreira e do sr. José Maria Portocarrero, já falecido, e o sr. Anibal de Sousa Oliveira, filho da sr.^a D. Antónia de Sousa Oliveira e do sr. Manuel de Sousa Oliveira, já falecido. Foi celebrante o rev. P.^o Firmino Lopes da Cunha que, na altura própria, dirigiu uma alocução aos nubentes. Testemunharam o acto, por parte da noiva, seu avô o sr. Luís Ferreira e a sr.^a D. Nazaré Salgado Ferreira, tia materna, e por parte do noivo, seu irmão o sr. Damião de Sousa Oliveira e esposa a sr.^a D. Maria da Conceição Rocha Oliveira.

Foi portadora das alianças a menina Maria Manuela Pedrosa. — Após o acto religioso a família dos noivos e convidados seguiram para a Pensão Águia d'Ouro, de Vizela, onde foi servido um almoço que deu ensejo a que brindassem os srs. Professor Mário de Sousa Meneses, Damião de Sousa Oliveira, Domingos Machado e P.^o Firmino Lopes da Cunha.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Doentes

Encontra-se internada na Casa de Saúde da Boavista, no Porto, a fim de ser submetida a uma operação, a sr.^a D. Rosa Cândida Gonçalves de Freitas, esposa do nosso prezado amigo sr. Pedro da Silva Freitas.

Desejamos as suas melhoras. — Vão melhorando dos seus incómodos os nossos bons amigos srs. David Cardoso da Silva Martins, José de Oliveira, Armando Humberto Gonçalves, António Alves Ribeiro Gomes de Abreu, Francisco da Costa Jorge e dr. C. Gomes dos Santos.

— Tem passado ligeiramente doente o meretíssimo Juiz de Direito desta comarca, dr. Lobo e Silva.

— Tem estado doente o nosso prezado amigo sr. Jacinto José Ribeiro.

— Tem estado doente, em Vieira do Minho, o nosso prezado amigo

e colaborador sr. Jaime dos Santos Ribeiro Dias.

Desejamos o completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

D. Maria de Jesus Leite da Silva Paúl

Missa do 2.^o aniversário — No dia 12 do corrente, passou o 2.^o aniversário do falecimento desta illustre senhora.

A V. O. T. de S. Francisco mandou resar na sua Igreja, naquele dia, às 8,30 horas, a Missa que é celebrada anualmente em sufrágio da sua alma, acto que foi muito concorrido por pessoas das relações da família.

Seu filho, o nosso querido amigo sr. dr. António Paul, residente no Porto, impossibilitado de vir naquele dia a Guimarães, mandou resar uma missa com a mesma intenção, na Igreja de Santo Ildefonso, daquela cidade.

Só hoje damos esta notícia devido a ter chegado tarde ao nosso conhecimento por se haver extraviado a carta em que se nos pedia para avisarmos com antecedência as pessoas que desejassem assistir àquelas cerimónias religiosas. (Ver secção «Beneficência do Notícias».)

A propósito deste aniversário luto e prestando à saudosa senhora a homenagem do nosso maior respeito, permitimo-nos arquivar aqui a formosa elegia que, escrita por seu filho, foi gravada em sua pedra tumular:

MINHA ADORADA MÃE

Morreste? Não acredito! Pois em verdade só morre Quem toda a vida percorre Sem nada de bom fazer! Mas como eu ainda existo E tenho filhos e neto... E tanto Bem Tu deixaste... A bondade que espalhaste Não te deixará morrer: — Pois quando a matéria encerra Uma alma como a Tua, Morre o corpo, mas estua Das nobres Mães o afecto Que torna bendita a Terra. 15-XI-50.

António Paul.

Dr. José Joaquim Machado Guimarães Júnior

Em quarto particular do Hospital de Santo António, do Porto, faleceu, confortado com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja, o sr. dr. José Joaquim Machado Guimarães Júnior, com 62 anos, viúvo, capitão médico, pai do sr. José Borges de Araújo Machado Guimarães.

Tendo tomado parte na guerra de 1914-18, foi galardoado com as mais altas condecorações, podendo citar-se entre elas, a medalha de Mérito e V. Militar, Cruz de Guerra e Torre e Espada. Natural da freguesia de S. Tiago de Ronfe, concelho de Guimarães, e residente na Vila de Caldas das Taipas, desempenhou, entre outros cargos, o de Presidente da Junta de Turismo, da Empresa Termal, vereador da Câmara Municipal de Guimarães, sendo actualmente Presidente da Associação dos Bombeiros das Taipas, cargo que ocupava há mais de

20 anos e à qual prestou relevantes serviços.

O seu funeral realizou-se ontem, à tarde, do Porto para a freguesia de Ronfe, deste concelho, em cuja igreja foram resados resposos, ficando o cadáver sepultado em jazigo de família, no cemitério paroquial.

Aos actos fúnebres assistiram numerosas pessoas, os Bombeiros V. das Taipas e representações de outras corporações, etc., constituindo o funeral uma grande manifestação de pesar.

A família dorida apresentamos sentidas condolências.

Manuel Alves Pereira

Na sua residência, no Casal do Souto, em S. Torcato, finou-se, confortado com todos os Sacramentos da Igreja, o proprietário sr. Manuel Alves Pereira, pai das sr.^{as} D. Maria Amélia Alves M. Ferreira, casada com o sr. Izidro José Ferreira, e D. Maria Alice Alves M. Costa, casada com o sr. Ernesto da Costa, chefe da P. S. P. em Braga, e do sr. António Alves Martins, casado com a sr.^a D. Ana Ribeiro Loureiro Martins.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se na quinta-feira de manhã, para a Igreja paroquial daquela freguesia, onde foram resados os resposos fúnebres, após o que o cadáver foi trasladado para o cemitério paroquial. A família dorida apresentamos as nossas condolências.

D. Adelaide Salgado

Contando 57 anos, faleceu a sr.^a D. Adelaide Salgado, viúva do industrial sr. Eduardo Ferreira, mãe das sr.^{as} D. Carmem, D. Maria da Luz e D. Maria Adelaide e dos srs. Francisco, João e Amadeu Ferreira; sogra da sr.^a D. Conceição de Freitas e do sr. Hernâni Joaquim da Silva Guimarães, e irmã dos srs. António e João Salgado e das sr.^{as} D. Maria das Dores e D. Maria Alcina Salgado.

O seu funeral realizou-se na segunda-feira, com grande acompanhamento, para o cemitério de Azurém, após os ofícios fúnebres que foram celebrados no templo de Santo António dos Capuchos.

Os seus pêsames à família dorida.

De luto

Pelo falecimento de sua extremosa mãe, ontem ocorrido em Chaves, guarda luto o nosso prezado amigo sr. Fernando da Costa Setas, sócio da firma Bento dos Santos Costa & C.^a Lid.^a a quem, avaliando bem o grande desgosto porque acaba de passar, apresentamos sentidas condolências.

— Guarda luto pelo falecimento de um seu cunhado, ocorrido em Felgueiras, o nosso prezado amigo e estimado ornamentalista, sr. Constantino Lira, a quem apresentamos condolências.

— Pelo falecimento de seu sogro guarda luto o nosso prezado amigo sr. Gaspar da Silva Ribeiro Calixto, a quem apresentamos condolências.

Sufrágios pelos «Irmãos» de Santo António

A Mesa da Irmandade de Santo António erecta na capela da Ordem

de S. Domingos, manda celebrar uma missa de requiem no dia 17, em sufrágio da alma dos Irmãos e dos benfeitores do «Pão dos Pobres».

Mis das Almas

Está a decorrer em vários templos da cidade o piedoso exercício do mês das Almas do Purgatório, sendo nas Igrejas da Misericórdia e dos Santos Passos, às 8 horas, e nas de S. Pedro e Senhora da Oliveira, às 6 horas.

Irmandade de Nossa Senhora da Vila e Rua

A Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Guia e anexa do Senhor da Agonia mandou celebrar na sua capela, no dia 12, às 8 horas, uma missa de Requiem em sufrágio da alma dos irmãos falecidos.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do «Laboratório Hórus», ao L. do Toural, Telef. 4329.

Catequese da freguesia de S. Paio

Principia hoje no fim da missa das 11 e prosseguindo todos os domingos à mesma hora, a catequese desta freguesia, no templo da Misericórdia.

Quando se fala em Impermeáveis

FALA-SE NESTA MARCA



Os melhores Impermeáveis

EXCLUSIVO de

A IMPERIAL

Rua de Santo António, 32-34
Tel. 40157

GUIMARAES 400

TEM FRIO?

Compre agasalhos na Camisaria Martins e Casa Jaime.

O maior sortido em casacos, gilets, pulovers, camisolas, ceroulas, meias; peúgas de lã, vestidinhos, toucas, cache-cóis, luvas de lã, calçado de agasalho, tudo para homem, senhora e criança. Lãs em fio, só na Camisaria Martins e na Casa Jaime, ao Toural. 328

Dá-nos *Fermentões* (em 1220 designada como Santa Eulália de Riba Selho) expressivo exemplo de ser então a renda habitual a terça do pão e a metade do vinho, pois, enquanto a maioria dos casais, pertencentes ao Rei, pagavam a terça do pão, e alguns a terça do pão e do linho, singulariza-se que outros davam só a terça do vinho, alegando que assim faziam já a longo tempore: de uma leira de vinha, em casal de Menendo Petri, era a sexta de vinho e meio bragal, como, na quintana de Fervencia, de um campo a sexta do pão e de uma leira de vinha a quarta parte do vinho e dos campos do casal de Pelagio Runchela um alqueire; o casal, em que habitava Menendus Gonsalvi era a pousada do Prestameiro, com sua abgoaria. Mencionam-se rendimentos a Petrus Pelagii pretor Ulixbone, Maiore de Frandiz e Pelagio Rebentina, este por, dos campos que lhe haviam pertencido, se dar pela fossadeira meio bragal. O Rei não era o patrono da Igreja: metade era da de Santa Maria Vimaransensis, e a outra metade dos filhos de Pedro Alvitiz: «cum progenie de priore Petro Amarelo et prior Didaco Petriz.»

Na de S. Paio de Figueiredo aparecem algumas curiosidades: os casais do Rei davam a terça de octuno (expressão, cujo sentido, na verdade, me coloca em certo embaraço: há, em outros passos das Inq., referências a campos que davam «octavam» e «octavam panis», ou seja a oitava do pão — «Hist. da Adm. Púb.», tomo VII, pág. 287, nota —, dificilmente aplicável no caso; seria a terça de certo cereal, que se colhesse no outono do ano?) e a metade do outro pão, e dos casais de *Mulieribus*, de Pelagio Mauro, de Petro Soariz, de Arrizado, e de vários mais, entre as direituras, havia a de *garfam senebis*, comum a quase toda a freguesia, o que a torna característica (4).

Em *Gêmeos* a «ama de domno Martino Sanchiz» tinha um casal e outro era «serviciarius». A terça do pão, do vinho e do linho era a renda dos casais de *Gominhães*, onde a taliga de *castaneis virides* e *denarios* e *mealía* (meio dinheiro, meio ceitil, etc.), faziam parte das miunças. De outro, em *Gonça*, entrava nas direituras *unum quorazil* (corazil: duas costas da pá do porco até à cabeça) e *medium cabritum sine pelle*. Entre outras curiosidades de *Gondar*, limito-me à colação dos foros de capões, que se dariam ao Rei pela *chantadoria* (plântio de estacas, chantas, ou tanchas, como de oliveiras, etc.), e os bragais de *molenidinis de Vilar*. Em *Infiás* prevê-se a constituição de *focos*, fogos em lugares novamente habitados, sobre os quais recaíam certas direituras: a espádua do porco ou

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

«A história do povo é a história das instituições municipais»

Gama Barros.

A' Ex.^{ma} Câmara Municipal

25)

Of. EDUARDO DE ALMEIDA.

um soldo, havendo porco; um cabrito das cabras, o anho das ovelhas, o leitão dos porcos, o queijo das vacas. Em S. Martinho de *Leitões* há nova referência, mas agora em nova forma expressiva, à *terciam de outono et medium de milio* (sic), renda de alguns casais, sobre que havia direituras como *lenzo de panno*, *taligam de centeno*, *quarta de vino coctu*, e *garfam de senebe*; o Maiordomo tinha direito a *meitigas* (almeitiga: repasto que se dava quando procedia à arrecadação dos foros); havia o pagamento de galinhas e ovos pela *entrada* (quando o novo possuidor tomava conta dos bens) e de um *castinario de Insula* (notando-se na freguesia a cultura do castanheiro) dava-se ao castelo de Vermui certa porção de ovos e frangos. Também em *Longos*, em cuja freguesia havia uma igreja que dava *pousada ao Dominus terre*, o Maiordomo tinha sua gratificação — *pro sua offretione* — pelas entradas nos casais e pela *fossadeira* davam uns tantos quinhões — *unum de iij. cubitos et medium*; tinha a igreja casais — *et granchas* (granjas?) e *vineas* (vinhas) *multas et bonas* (donde se vê que vem de remotas idades a fama do vinho de Santa Cristina de Longos) — o Hospital, além de casais, ali tinha uma *bona grancha* e *una bona quintana cum magnis seneriis*.

Pela isenção das direituras em certo casal em *Mascocotelos* cabia-lhe o encargo de dar e levar palmas a Santa Maria de Guimarães para a festa de Ramos, em cada ano — *et de altero non dant directuras, quia vadunt de illo pro ramis in quocumque anno et ducent illos ad ecclesiam Sancte Marie Vimaransensis in festo Ramis palmarum*; já notamos que em outros havia obrigação de amassar areia e conduzir as telhas do forno teleiro para o casal de Rabcis. O Rei D. Sancho dera um certo casal ao Prior Vimaransense. Como deu outro em *Mesdofrio* (Sancto Romano): *de una leira regalenga in Aural*, além da terça do pão, davam *unum frangão* (sic). Em *Nespereira*, *magister Silvester* era dono de dois casais e *Martinus Martiniz tabellio*

Vimaransensis de outros dois, de que, como de outros, se recebia a terça do pão e do linho, *medium tocius vini* e metade das maçãs, das peras e das castanhas, além das direituras, que, em alguns, consistiam em bragais; o Rei tinha dois campos, abaixo da vinha da igreja, de um dos quais o Rei Sancho dera uns tantos moios de cevada em prestimónio a Gomércio de Kupela, e o pão que deles cobrava o Maiordomo deviam conduzi-lo ao seu celeiro em Guimarães: quando o Rei fosse ali, cada casal, e em cada ano, lhe daria uma galinha; havia um moínho, que, destruído, o *Judex Suerius Petri* mandou reconstruir e lhe ficou a pagar de foro *vj. cubitus* e não mais, pois, antes, era de *j. bracale*: além do pagamento de voz e calúnia — *vadant ad ramatam, et faciunt paleirum*, serviço pessoal de ir comprar as ramadas e fazer o palheiro que, noutros lugares, substituiu o encargo da fossadeira («Hist. da Adm. Púb.», tomo VII, pág. 371.)

E' a freguesia de *Paraiso* exemplo de variadas e onerosas direituras em fogaças, bragais, *alqueires* de castanhas, frangos, capões, galinhas e ovos, *almudes* de vinho e almude de castanhas, cabritos, taligas de trigo, etc. Os habitantes do Regalengo de *Pencelo* tinham de ir ao serviço do Rei quando este os convocasse; em colação, pela fossadeira, uns tantos bragais, e sujeitos a voz e calúnia; nas direituras: frangos, capões, ovos, espátulas com castanhas, almudes de trigo para as fogaças: metade da Igreja era de Santa Maria de Vimaranes e da outra metade pagavam ao Hospital a terça do pão e do vinho das respectivas senarias ou terras cultivadas. De certos casais, que o Rei possuía em *Polvoreira*, tinham de pagar a licença ou o pedido (*pedidam de Maiordomo*) a este, quando quisessem segar as suas lavras — *quando volunt segares suos labores*.

Santa Maria Vimaransensis tinha um couto em S. João de Ponte com vinte e cinco casais, e, em *Gustelanis* (Castelões), fora do couto, dois casais e uma vinha com sua deveza, que, para direituras, a mais de uns tantos cubitos de bragal, almudes de trigo para as fogaças, *du lino*, espátulas com vinho e castanhas, *cordarios albos*, *caseos cum manteiga* e ovos, davam *singulos savais* e *singulos pernas de carneiro* (sic); sujeitos, fora do couto, a voz e calúnia; pela fossadeira uns tantos denarios, inclusivè de *una casa*; havia os *castinarii* de Berufo.

Continua.

(4) Certo peso ou quantidade de mostarda (senabis): ou a erva hortense, de que se fazia esparregado, ou a semente, que, moída em vinagre, aguçava o apetite; grãinha preta, quassia — *sinapia*, donde sinapismo. (Informação do dr. Augusto César Pires de Lima).

Uma trindade literária Crônicas Rurais

IV

Haveria jornais na antiga Roma? Claro que sim, e a história do testemunha. E falavam de tudo, desde os factos de cada dia, até às ridicularias e misérias dos homens. Tinham neles lugar de honra as notícias de guerra e as notícias da sedição política de campainário. Não faltavam as estocadas ferozes no grande inimigo: — Milão. Como diz um autor, faziam entrever que Pompeu não tinha espírito e que César não tinha probidade. Até chegaram a dizer que no ano de 71 cairia uma chuva de tijolos...

As memórias que se têm dos jornais no tempo de César são mais abundantes, e servem-nos também de documentação dos costumes daquela época e daquela vergonhosa escravidão. Aumentam as intrigas e as investidas ameaçadoras, entremeadas com chalaças grossas para fazer rir o povo. Como podemos saber e conhecer tudo isso? Lendo a preceito os autores latinos, assim os que se consagraram ao ramo histórico, como os que se entregaram a cantar idílios e loucuras de amor. O que se lê nas entrelinhas de muitos autores de então, bem basta a certificar-nos de que aquilo estava podre de todo.

Bem fez o sr. Padre Arlindo R. da C. em nos mimosear com um estudo desenvolvido desses recuados dias. Fê-lo sobretudo no prefácio com que ilustrou e enriqueceu a edição do seu *In Catilinum*, longo, sumarento e empolgante estudo sobre a *Vida e Obra de Marco Tulio Cícero*. Nessas 162 belas páginas passa-nos pela frente, como em rápido e incisivo cosmorama, toda a gama das paixões e das veleidades em que adormecia e se atolava, na via da perdição, a dementada sociedade da Roma pagã e corrupta, que mais tarde havia de afogar no sangue de milhares de cristãos os primeiros assomos de uma ressurreição salvadora e benfazeja.

Causam-nos estranheza e fazem-nos calafrios certas reviravoltas, por via de regras sangrentas, com que a cada passo é sacudido, aqui ou acolá, o mundo torvo em que vivemos. Mas se formos a Roma, veremos sem custo que o grande colosso que se chamou Império Romano, só vivia de intrigas, de vinganças pessoais, de deglaciações políticas, e só triunfava nas piores emergências derramando rios de sangue. Nem sempre havia a elevada noção do patriotismo, e todos procuravam servir os seus interesses e paixões, pouco se lhes dando da mãe-pátria que mentirosa e capciosamente diziam servir e amar.

Estranha-se hoje que nos países soviéticos as primeiras vítimas sejam os homens de um certo valor, os militares briosos, os professores, os advogados, os médicos: já em Roma se usava o processo. Então esse homem grande entre os grandes, que passou à história, não foi decepcionado atribuladamente, sem forma alguma de processo, por um tribuno militar, que talvez não soubesse escrever o seu nome?

Foi sempre assim; e assim será sempre. Os morcegos desadaram a luz...

Pois é assim mesmo! Essa célebre oração de Cícero que eu tive de estudar por um livro com notas — e poucas elas eram — e francês, acha-se neste belo livro de Braga posta em bem clara luz, mais ao alcance de todos os que se consagram a esta espécie de estudo.

O sr. Padre Arlindo enca-

beçou cada capítulo com a súplica do assunto nele desenvolvido e explanado. Foi uma ideia felicíssima.

As notas, por outro lado, são numerosíssimas, e completas, arguindo a erudição e o profundo saber do anotador. Muitas vezes, quando o caso o demanda, as notas são uma verdadeira lição de história, pondo em destaque costumes daquele tempo negregado, frisando e enunciando as leis mais basilares porque se regia, bem ou mal, aquela revolta sociedade de invejosos e ambiciosos. Como podem ver, estas notas são por vezes extensas, mesmo muito extensas, sobretudo nos primeiros capítulos. Nem o editor nem o autor tiveram medo de agravar as despesas do papel e da impressão.

Merece parabéns o autor, mas eu dou-os também aos estudiosos, que têm no livro do ilustre filho de S. Torcato um preciosíssimo *vade-mecum*.

(Continua) S. A.

Teatro Jordão

HOJE, N'S 15 E 21 HORAS

APRESENTA

O filme que foi classificado como a melhor produção europeia!

O Preço da Juventude

com Michel Simon e Gérard Philipe

Os sonhos de ambição de um cientista famoso, levam-no a assinar o mais estranho pacto!

TERÇA-FEIRA, 18 -- N'S 21 HORAS

Uma realização plena de realismo!

A MÃO NEGRA

com Gene Kelly, J. Carrol Naish e a vedeta italiana Teresa Celli.

A história verdadeira da «Máfia», terrível seita secreta, cujos estíletos afiados espalharam o terror no princípio do século!

QUINTA-FEIRA, 20 -- N'S 21 HORAS

Apresenta, em benefício do Asilo de Santa Estefânia, uma das mais grandiosas produções até hoje filmada!

MESSALINA

com Maria Félix, George Marchal, Delta Scala, Meno Benassi, etc.

Evoca o luxo esplendoroso e magnífico de tempos dos Césares e os episódios dramáticos da história de Roma antiga com a interpretação mais impressionante dos costumes dessa civilização!

SÁBADO, 22 -- N'S 21 HORAS

Em Sessão Popular

O Templo dos Deuses

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

Informa esta Comissão que a Brigada de Fiscalização exerceu os seus trabalhos nos concelhos de Amarante, Amares, Arcos de Valdevez, Arouca, Baião, Barcelos, Braga, Cabeceiras de Basto, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Espouende, Fafe, Felgueiras, Gondomar, Guimarães, Lousada, Maia, Marco de Canaveses, Motiminhos, Monção, Paços de Ferreira, Paredes, Paredes de Coura, Penafiel, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Póvoa de Lanhoso, Póvoa de Varzim, Resende, Ribeira de Pena, Santo Tirso, Cinfães, Valongo, Valença, Vale de Cambra, Viana do Castelo, Vieira do Minho, Vila do Conde, Vila Nova de Famalicão e Vila Verde, onde visitou 6.629 estabelecimentos e 28 adegas de produtores, a fim de averiguar se estão a ser cumpridas as formalidades legais.

Na área da Região demarcada foram colhidas 30 amostras de vinho verde e foram apreendidos 2.347 litros de vinho verde e 984 litros de vinho estranho à Região.

Na área da cidade do Porto e entreposto de Gaia foram visitados 10 estabelecimentos onde se vende vinho verde e colheram-se 6 amostras de vinho ali entrado e 154 amostras de vinho destinado à exportação.

Em Lisboa foram visitados 212 estabelecimentos onde se vende vinho verde e colheram-se 13 amostras de vinho destinado à exportação.

Levantaram-se 409 autos. Foram analisadas no nosso Laboratório todas as amostras, excepto as destinadas à exportação.

quer à mesma família que os Cupressus pertencem.

O nome português a colocar no Cupressus lusitanica seria cipreste do Bussaco, ou, quando muito, falso cedro do Bussaco, critério aliás seguido para a Robinia Pseudoacacia L., a que chamaram, e muito bem, falsa acácia.

Na indicação das famílias há um erro grave, que é o da colocação de todas as resinosas do Parque numa mesma família, que nem sequer existe. Com efeito, segundo este critério simplista, pertenciam à mesma família os Cupressus, as Sequoia, as Araucaria e os Cedrus. Ignorará o classificador que todos estes géneros pertencem a famílias diferentes, respectivamente das Cupressáceas, Taxodiáceas, Araucariáceas e Pináceas? Ignorará que *Coniferas*, a tal família em que englobou todas as resinosas, não é uma família, mas sim uma *Classe* da classificação de Engler?

Os qualificativos específicos nem sempre estão bem escritos e correctos. Nunca poderão ter o aspecto fantasista deste, por exemplo: Acer Negundo Folis Aureis (Moen). Há regras estabelecidas que terão de ser respeitadas, e das quais não se pode fugir sem pôr asneira.

Há nomes incorrectos, como o da Araucaria brasiliensis (Juss.), cujo nome verdadeiro é Araucaria angustifolia (Bert.) O. Ktze., sinónimo da A. brasiliense A. Rich.

Há outros mal escritos, como o do Eucalyptus Globulus (e não E. Globulus como lá está), da Fagus silvatica L. var. atropunicea West. (e não F. sylvatica Purpurea), Robinia Pseudoacacia (e não R. Pseudoacacia), etc.

Outra coisa que não me parece acertada, é o uso de sinonímia; pelo menos, não lhe vejo vantagens. Para quê pôr três nomes na etiqueta do Taxodium distichum, se os outros dois foram reconhecidos como errados? Igualmente para a Sequoia sempervirens, aqui com a agravante de vir lançar confusão com o género Taxodium, bem distinto da Sequoia.

Já agora, por ter falado em Sequoia, devo dizer que muito me surpreenderam os exemplares do Parque, situados junto do lago, um dos quais, medido grosseiramente, apresentava um D. A. P. (diâmetro à altura do peito) de cerca de 1,5 m., pelo que creio valer a pena ensaiar esta essência florestal na arborização desta zona.

Quanto a botânicos classificadores, seguiram-se diversos critérios: ou não se põe (como no Liriodendron tulipifera cujo classificador foi Linneu), ou se coloca dentro de parêntesis o que é contra as regras de nomenclatura botânica. Outras vezes há classificadores mal postos como na Fagus silvatica L. forma tricolor (Simon-Louis) K. Kock, classificada muito simplesmente como Fagus silvatica tricolor (Lin.). Nada de atribuir tudo a Linneu! Basta-lhe para glória, ter sido ele o criador da Taxonomia Botânica.

E já agora, para terminar, por que não foram classificadas as Picea, os Abies e vários Acer, para só falar nas mais importantes?

Eu reparei em tudo naquela tarde feia de céu pardacento. Anotei tudo, e quis deixar aqui o meu reparo, para que, na próxima época termal, tudo esteja bem: relva e mais flores nos canteiros, menos abandono, e as etiquetas certas para que possam ter vantagens.

J. C.

Vida Católica

Nova Mesa da Irmandade de S. Gualter

Com todas as praxes legais e na interpretação fiel da letra do estatuto porque se rege aquela Corporação religiosa, reuniram-se no domingo, em 2.ª convocação os irmãos da Irmandade de S. Gualter, que elegeram, por aclamação a seguinte nova mesa, depois de haver sido aprovado um voto de louvor ao secretário sr. dr. Adelino Ribeiro Jorge pela maneira como tem sabido conduzir os assuntos da Irmandade:

Juz, António José Pereira Rodrigues; Secretário, dr. Adelino Ribeiro Jorge; Tesoureiro, Fernando da Costa Setas; Vogais, Francisco Ferreira de Oliveira, Francisco Ribeiro de Castro, João Dias Pinto de Castro e Rodrigo Fernandes Abreu.

Presidiu ao acto eleitoral o digno Prior de S. Sebastião Rev. dr. José de Jesus Ribeiro, tendo repicado festivamente os sinos a anunciarem o resultado da eleição.

CONVITE

Com o desejo de apresentar sempre as últimas novidades, convido V. Ex.ª a visitar as montas de «A IMPERIAL» onde terá a ocasião de ver as mais recentes criações em objectos próprios para brinde, a maioria dos quais exclusivos desta Casa.

A IMPERIAL

Rua de Santo António, 32-34

Telef., 40157

GUIMARÃES

Câmara Municipal de Guimarães

EDITAL

Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães:

Faz público que, em cumprimento da deliberação tomada pela Câmara Municipal deste concelho, em sua reunião ordinária de 22 de Outubro findo, se procederá à venda, em hasta pública, no dia 26 do corrente, pelas 15 horas, na Sala das Sessões desta Câmara, dos talhões dos terrenos marginais da Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, desta cidade, cuja base de licitação é a seguinte:

Talhão n.º 27... 17.050\$00
Talhão n.º 28... 19.800\$00
Talhão n.º 29... 20.750\$00

Mais faz público que estes talhões serão adjudicados ao concorrente ou concorrentes que maior lance ofereçam, reservando-se a Câmara o direito de não promover a adjudicação caso isso lhe venha a convir.

As condições para a venda destes talhões encontram-se na Repartição de Obras da Câmara, todos os dias úteis, durante as horas regulamentares.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume. Paços do Concelho de Guimarães, 6 de Novembro de 1952.

O Presidente da Câmara Municipal 438

Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

Minha Senhora!

Para a sua beleza prefira os encantadores perfumes, batons, rouges, cremes, pó d'arrós e brilhantinas da Casa Jaime. Esta casa é especializada em produtos de beleza. Lindíssimo sortido de meias de vidro e escócia. Luvas de couro, camurça e malha de lã. Interessantes objectos para brindes.

Vendedor exclusivo das Camisas Magna e dos chapéus Guerreiros. Duas marcas que marcam. Fixe bem, só na Casa Jaime, ao Touroal.

OLIVEIRAS

Plantas sadias bem enraizadas com 2 e 3 anos

VIVEIROS da
Sociedade Agr. da Quinta da Aveleda, L.ª
de PENAFIEL

Agradecemos nos consultem

Viveiros situados à margem da estrada

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PHILIPS

A firma A. Gouveia, agente oficial Philips, à Avenida Conde de Margaride, Stand n.º 3, nesta cidade, em colaboração com a Philips Portuguesa S. A. R. L., acaba de instalar a sua OFICINA DE REPARAÇÕES sob a gerência técnica de Carlos Vasconcelos.

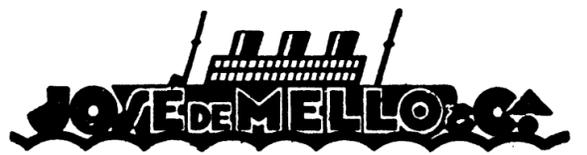
Assim, a firma A. Gouveia, poderá a partir desta data, prestar assistência técnica a todos os artigos eléctricos vendidos por seu intermédio, bem como uma garantia mais eficiente aos receptores Philips, vendidos por qualquer Agente Oficial desta cidade ou dos concelhos abrangidos pela ESTAÇÃO DE SERVIÇO PHILIPS de Guimarães.

A. GOUVEIA Rádios Frigoríficos Aquecedores

REPARAÇÕES GARANTIDAS

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazém de Retem e Depósitos

(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS: 14

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Ofertas e Procuras

IRENE RODRIGUES (Modista)

Especializada em corte de casacos e tailleurs.
Rua Conde Arnoso, 5-1.º-D. Bairro das C. de Prev. — Guimarães.

VENDEM-SE

Duas coutadas de mato com pinheiros e eucaliptos, situadas na freguesia de Gonça, deste concelho.

Tratar com o advogado Dr. Pinto dos Santos — escritório Rua de António, desta cidade.

CASA — aluga-se

Na Rua do Conde D. Henrique, n.º 11, com bom quintal.

Tratar com a proprietária no lugar de Reguengo, freguesia de S. Romão de Mesão-Frio — Guimarães. 579

LOJA, ALUGA-SE

Aluga-se uma loja que serve para vários fins, inclusive Armazém de Retem, no Largo dos Laranjais, perto do quartel da Legião. Quem pretender é dirigir-se a António da Silva Carvalho, na Travessa do Picoto, n.º 23, desta cidade. 425

EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

Com longa prática. Dá referências. Carta à Redacção. 440

VIDEIRAS

As melhores de entre as melhores, Corriola e Teleki 5 BB para enxertia alta, e Cordifolia 4446/144 para terrenos muito ásperos; magníficas oliveiras da variedade galega e eucaliptos globulos em vaso, vende o viveiro dos Moinhos Novos — Casa Cirilo, telefone, 77215 — PÓVOA DE LANHOSO. 414

VENDEM-SE

7 Moinhos movidos a água com uma casa à margem para guarda dos utensílios dos mesmos, sítos na freguesia de Silveiras, lugar de Brito; 6 Moinhos movidos a água com casas de habitação, sítos na freguesia de Creixomil (rio de Selho), lugar de Lages. Falar na Rua de Santo António, 87. 433

A BALSÂMICA

Loção "Min-Hór"

faz regressar os cabelos à cor primitiva

UMA APLICAÇÃO DIÁRIA COM A

Loção "Min-Hór"

é suficiente para que, em 10 ou 15 dias, o cabelo regresse à cor que tinha dantes.

Absolutamente inofensiva.

Não é tintura,

é um Regressivo

Vende-se na

FARMÁCIA «HÓRUS»
GUIMARÃES 382